

## Práticas integrativas e complementares e suas aplicabilidades nos campos de formação e atuação de enfermeiro

### Integrative and complementary practices and their applicability in the fields of nurse training and performance

Brenda Caroline dos Santos Malta , Leticia Borges Malachias , Taís Assis Magalhães , Janize Silva Maia , Luana Prado Figueredo 

Universidade Anhembi Morumbi. Escola de Ciências da Saúde. São Paulo, SP, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: brendacarolinesm@gmail.com

**Resumo:** Introdução: As Práticas Integrativas e Complementares gradativamente têm se fortalecido expressivamente desde que se tornaram uma realidade no âmbito da saúde e uma Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) em 2006. No entanto, a aplicabilidade dessas práticas integrativas no processo de cuidar em enfermagem e a relação com a função do enfermeiro merecem ser refletidas, mesmo passados 14 anos após implementação da PNPIC. Objetivo: evidenciar as práticas integrativas e complementares nos campos de formação e atuação do enfermeiro segundo a produção científica nacional. Revisão: revisão integrativa da literatura realizada nas bases e bancos de dados Lilacs, Bdenf, Medline, Scielo, Mosaico, BVS e Ebsco a partir dos descritores cuidados de enfermagem, educação de enfermagem, terapias alternativas, terapias complementares, no idioma português e disponíveis na íntegra, sendo guiada pela questão: “De que forma as PICs têm sido abordadas e utilizadas nos campos de formação e atuação do enfermeiro? Discussão: O enfermeiro demonstra entendimento que o saber fazer das PICs requer níveis de compreensão e apropriação dos saberes técnicos, científicos e ético da profissão, os quais são deficientes ou negligentes na formação profissional, porém tal lacuna não impede as experiências vividas com as PICs que têm sido evidentemente praticadas com base no empiricismo, prejudicando tal aplicabilidade de maneira competente nas atuações dos enfermeiros. Considerações finais: As PICs têm sido adotadas no fazer em enfermagem, porém a limitação de conhecimento para tal aplicabilidade é consciente por parte dos Enfermeiros, elucidando preocupações para realizá-las e gerenciá-las dentro do processo de cuidado, assim como incentivando melhores formações e espaços dialéticos afins, tanto na área acadêmica, como na educação continuada/permanente.

**Palavras-chave:** cuidados de enfermagem, educação em enfermagem, terapias alternativas, terapias complementares.

**Abstract:** Introduction: Integrative and Complementary Practices have gradually strengthened significantly since they became a reality in the field of health and a National Policy of Integrative and Complementary Practices (PNPIC), in 2006. However, the applicability of these integrative practices in the process of caring in nursing and the relationship with the role of the nurse deserve to be reflected, even 14 years after the PNPIC was implemented. Objective: to highlight the integrative and complementary practices in the fields of education and performance of nurses, described in the national scientific production. Review: integrative of the literature carried out in the Lilacs, Bdenf, Medline, Scielo, Mosaico, VHL and Ebsco databases and databases based on the descriptors nursing care, nursing education, alternative therapies, complementary therapies, in Portuguese and available in full being guided by the question: “In what way have PICs been approached and used in the fields of education and performance of nurses? Discussion: The nurse demonstrates an understanding that the know-how of the PICs requires levels of understanding and appropriation of the technical, scientific and ethical knowledge of the profession, which are deficient or negligent in professional training, however such a gap does not prevent the experiences lived with the PICs that evidently they have been practiced based on empiricism, impairing such applicability in a competent way in the nurses' actions. Final considerations: PICs have been adopted in nursing practice, however the knowledge limitation for such applicability is conscious on the part of Nurses, elucidating concerns to carry out and manage them within the care process, as well as encouraging better training and dialectical spaces related, both in the academic area and in continuing / permanent education.

**Keywords:** nursing care; nursing education; alternative therapies; complementary therapies.

## Introdução

A busca por uma medicina integrativa e complementar é uma realidade que vem crescendo na atualidade, tanto pelos profissionais de saúde, como pelos clientes, visto que suas práticas se caracterizam por sistemas e recursos terapêuticos que envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (BRASIL, 2009). Tais práticas contribuem para redução da demanda de pacientes que retornam às instituições de saúde relatando pouca melhora do quadro clínico decorrente da proposta terapêutica intervencionista com foco somente na doença, fragmentação do tratamento, morbidade pelos efeitos colaterais dos fármacos e ausência de cura para algumas doenças. Assim, constata-se um aumento significativo do desagrado dos pacientes perante a medicina convencional (Magalhães & Alvim, 2013).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em oito anos, o número de atendimentos em terapias alternativas no SUS cresceu 670%, passando de 271 mil, em 2008, para 2,1 milhões em 2016 (Folha de São Paulo, 2017), destacando o substancial crescimento da utilização das PICs nas últimas décadas. Já o Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica declara que, até o primeiro semestre de 2017, as PICs já estavam sendo ofertadas em 4.365 (78%) municípios, contemplando 100% das capitais brasileiras.

Com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC), em 2006, foi possível a aplicabilidade das PICs em diferentes níveis de atenção à saúde com respaldo à atuação da equipe multiprofissional, sobretudo do enfermeiro, em âmbito nacional (Coren, 2019). A enfermagem é uma profissão assegurada politicamente para exercer práticas integradoras de assistência em saúde junto à equipe multiprofissional, com uma abordagem holística, sistêmica e sensível, para identificar problemas de saúde que exijam mais prontamente intervenções qualificadas (Souza et al., 2012).

Contudo, é indispensável a fundamentação das ações profissionais baseadas em recomendações científicas a fim de garantir assistência de enfermagem segura, livre de danos decorrentes de imperícia, negligência e imprudência, associada à aplicabilidade das práticas complementares (Cofen, 2017). Em consonância com tal exigência, é fulcral a ampliação dos conhecimentos do enfermeiro, discussão do tema nos espaços acadêmicos e produção de pesquisas na área, a participação da enfermagem sobre a regulamentação do emprego de PICs e a reivindicação sobre as possibilidades de legitimação destas práticas no âmbito do cuidado de Enfermagem (Cofen, 2018). Em adição, é insubstituível a participação dos pacientes nas decisões sobre sua saúde por meio do diálogo esclarecedor, identificando o que pensam, sabem, desejam e como esperam participar efetivamente desse processo de escolha e de cuidado que incluem PICs (Magalhães & Alvim, 2013).

A partir das experiências acadêmicas vivenciadas na disciplina de Práticas Integrativas e Complementares durante a graduação em enfermagem, é possível não somente o olhar holístico ao cuidado em enfermagem, mas, sobretudo, os novos questionamentos acerca das experiências profissionais dos enfermeiros permeadas por tais práticas, as quais são recentes e desafiadoras em seus campos de atuação. Assim, o objetivo do estudo foi evidenciar as práticas integrativas e complementares nos campos de formação e atuação do enfermeiro segundo a produção científica nacional.

## Revisão

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura estruturada em 6 etapas: 1) definição do tema e formulação do problema; 2) estabelecimento dos critérios de inclusão e coleta de dados; 3) avaliação dos dados; 4) análise e interpretação dos principais dados; 5) apresentação de resultados; 6) apresentação da revisão integrativa (Souza et al., 2010).

Para a formulação do problema de pesquisa, foi utilizada a ferramenta PICO, conforme Tabela 1, contribuindo à busca de evidências nas bases de dados (Santos et al., 2007).

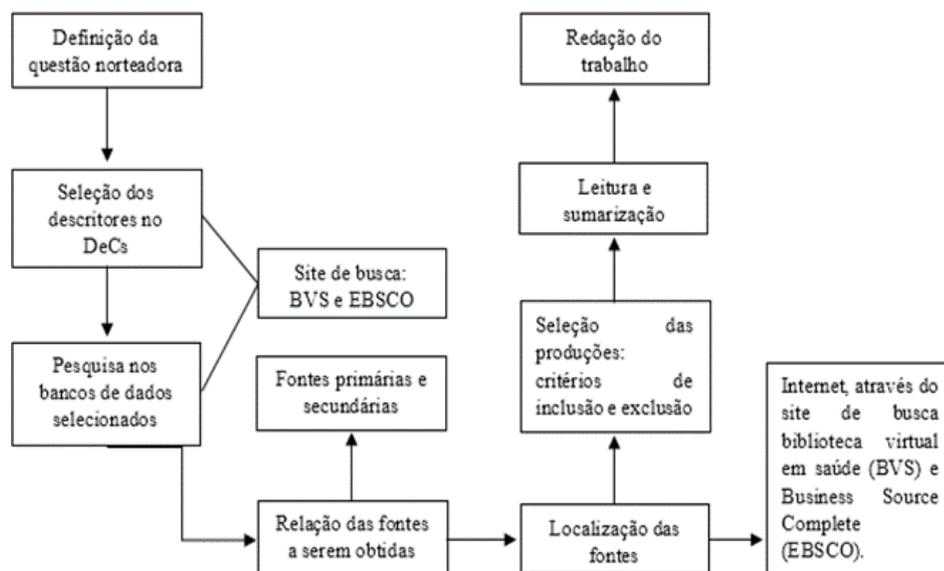
Os critérios de inclusão utilizados nas buscas e seleção dos estudos foram: produções científicas que contemplam a temática das PICs na formação e atuação do enfermeiro e os descritores no título ou resumo, disponibilizados integralmente on-line, sem restrições de acessibilidade e/ou pertencentes ao acervo da biblioteca da universidade, publicados em idioma português, indexados nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde), BDEF (Base de Dados de Enfermagem), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), MOSAICO – MTCI (Medicinas tradicionais, Complementares e Integrativas) da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e Business Source Complete (EBSCO).

**Tabela 1.** Ferramenta PICO para a formulação do problema de pesquisa.

P (patient)	Enfermeiros
I (fenômeno de interesse)	Terapias Alternativas, Integrativas e Complementares/ Práticas Integrativas e Complementares
Co (contexto)	Cuidado de enfermagem e Educação em enfermagem
<b>Questão norteadora</b>	
“De que forma as PICs têm sido abordadas e utilizadas nos campos de formação e atuação do enfermeiro?”	

Para obtenção dos dados e amostra da revisão, foram utilizados os descritores indexados no Descritores em Ciências da Saúde (DECS) (<http://decs.bvs.br/>) para as estratégias de busca: “Terapias complementares”/“Complementary Therapies” OR “Terapias alternativas” /“Alternative Therapies” AND “Cuidados de enfermagem”/“Nursing care” AND “Educação em enfermagem”/“Education, Nursing”.

Para operacionalização dos dados advindos dos estudos, utilizou-se um instrumento de anotações descritivas e quantitativas, contendo identificação do estudo (ano, título, autores e descritores), objetivos, metodologia (tipo, população e local da pesquisa), resultados e considerações finais e um banco de dados para auxiliar os autores na organização, síntese, interpretação e análise dos resultados obtidos. As etapas do percurso metodológico são ilustradas na Figura 1.



**Figura 1.** Fluxograma do percurso metodológico do estudo.

## Discussão

Na busca para realização desta revisão, foram encontradas 19.759 referências, das quais 19.720 foram excluídas. Assim, 39 produções científicas foram selecionadas para análise uma vez que atenderam os critérios de elegibilidade e trouxeram importância à discussão temática, sendo essas constituídas por 36 artigos, 1 tese de doutorado e 2 dissertações.

Referente aos anos e regiões de publicações, o período variou entre 2002 e 2020, com maior expressividade na região sudeste (44%), corroborando com os achados Reis et al (2018), em que 87% das publicações ocorreram na região sudeste do país, reafirmando que a região ainda permanece como pólo produtor científico, conforme a Tabela 2 e 3.

**Tabela 2.** Distribuição dos estudos sobre Práticas Integrativas e Complementares por regiões do Brasil, 2020.

Regiões do Brasil	Nº	%
Centro – Oeste	02	5,1
Nordeste	09	23,0
Sudeste	17	43,6
Sul	11	28,2

**Tabela 3.** Distribuição dos artigos sobre PICs segundo o ano de publicação, 2020.

Ano	Nº	%
2002	1	2,5
2003	2	5,1
2007	2	5,1
2011	5	13
2012	3	8,0
2013	2	5,1
2014	1	2,5
2015	2	5,1
2016	3	8,0
2017	4	10,2
2018	6	15,3
2019	6	15,3
2020	2	5,1

As revistas com maior destaque para publicação do assunto são aquelas relacionadas à saúde coletiva ou que veiculam pesquisas neste campo específico de conhecimento das ciências em enfermagem, como demonstra a Tabela 4.

**Tabela 4.** Distribuição dos artigos conforme as revistas de publicação, 2020.

Revistas	N	%
APS	2	5,1
Baiana Saúde Pública	1	2,5
Bras. Prom. Saúde	1	2,5
Brasileira de Enfermagem	1	2,5
BJSCR	2	5,1
Ciênc. Saúde Coletiva	3	8,0
Cinergis	1	2,5
Cogitare	2	5,1
Eletrônica de Enfermagem	1	2,5
Enfermagem UFPE	1	2,5
Enf. Atenção Básica	1	2,5
Enfermagem UFSM	1	2,5
Escola de Enf. da USP	4	10,2
Gáucha de Enfermagem	1	2,5
Latino Americana de Enf.	1	2,5
Mundo Saúde	1	2,5
Pesq. Cuid. Fundamental	8	20,5
Saúde Pública	1	2,5
Trab. Edu. & Saúde	3	8,0
Enfermagem UFMG	1	2,5
Enfermagem UFRN	1	2,5
Enfermagem UFRS	1	2,5

Em relação aos tipos de estudo, os mais citados foram: qualitativo (62,5%), quantitativo (15%), revisão da literatura (15%), bem como descritivo e exploratório (7,5%). Ademais, poucos são os estudos que se debruçam sobre a discussão da eficácia e segurança das PICs, como demonstrado na Figura 4.

**Tabela 5.** Distribuição das publicações segundo o tipo de estudo, 2020.

Tipos de Estudos	N	%
Descritivo	2	5,1
Exploratório	1	2,5
Qualitativo	24	61,5
Quantitativo	6	15,3
Revisão de Literatura	6	15,3

As práticas integrativas e complementares mais citadas entre os estudos foram: Fitoterapia, Acupuntura e Homeopatia (Cruz et al., 2012; Ruela et al., 2019; Savaris et al., 2019). É evidente a centralização dos estudos que focam nos benefícios de certas práticas, como fitoterapia e acupuntura, destacando quase a inexistência de estudos que abordam as demais práticas, como, por exemplo, Aromaterapia, Termalismo social e PICs grupais.

**Tabela 6.** Práticas integrativas e complementares mais citadas segundo publicações analisadas, 2020.

Práticas Integrativas	nº	%
Acupuntura	20	52,2
Argiloterapia	1	2,5
Aromaterapia	2	5,1
Arteterapia	3	7,6
Auriculoterapia	6	15,3
Biodança	5	12,8
Crenoterapia	3	7,6
Cromoterapia	4	10,2
Danças Circulares	1	2,5
Dietoterapia	3	7,6
Do-In	5	12,8
Fitoterapia	23	58,9
Florais	6	15,3
Hipnoterapia	2	5,1
Homeopatia	19	48,7
Iridologia	1	2,5
Liangong	4	10,2
Massoterapia	4	10,2
Medicina Antroposófica	7	17,9
Meditação	6	15,3
Musicoterapia	7	17,9
PICs grupais	1	2,5
Plantas Medicinais	5	12,8
Práticas Corporais	3	7,6
Reflexologia	3	7,6
Reiki	7	17,9
Shantala	1	2,5
Shiatsu	4	10,2
Tai-Chi-Chuan	1	2,5
Termalismo social	2	5,1
Toque terapêutico	2	5,1
Visualização	1	2,5
Yoga	9	23,0

Os assuntos principais dos estudos foram sobre o ensino das PICs na graduação, mais especificamente sobre a experiência dos discentes em relação a como a disciplina é ofertada dentro de suas grades curriculares, além do relato das dificuldades, a importância e as perspectivas para inserção das práticas na grade curricular. Outros estudos abordam sobre a forma que esta disciplina é institucionalizada no ensino superior em certas regiões do Brasil. Em seguida, 28 estudos abordam o conhecimento dos profissionais em relação às práticas integrativas e complementares, além da sua implementação no ambiente de trabalho, bem como facilidades e dificuldades encontradas em sua aplicabilidade. Percebe-se pouca abordagem e conhecimento das PICs no cotidiano acadêmico, muitos entraves relacionados à medicina assistencialista hegemônica e pouca valorização de uma visão holística no cuidado em saúde, o que, conseqüentemente, causa impactos na adoção das práticas por profissionais de saúde.

Neste contexto, as partes abordadas foram divididas em 4 vertentes: caracterização da população estudada, percepção dos Enfermeiros e discentes quanto às práticas integrativas e, por fim, as dificuldades e facilidades de sua implementação no cuidado de enfermagem.

### Caracterização da População Estudada

Em consonância com as obras analisadas, a maioria dos profissionais da área da enfermagem continua predominantemente feminina, 55% (n=22) dos artigos abordam e descrevem o gênero das amostras estudadas, dados encontrados não somente no público dos profissionais, mas também em discentes (Kurebayashi, 2007). Dos 22 artigos que caracterizam a população estudada, 17 (42,5%) descrevem o predomínio feminino na profissão, 5 (12,5%) apontam discentes que cursam graduação na área da enfermagem e que detêm um forte

público feminino (Trovo et al., 2003). Esses dados também são encontrados no Conselho Federal de Enfermagem no ano de 2010, em que cerca de 87% da categoria dos Enfermeiros em todo o Brasil são mulheres, o que se deve ao fato da enfermagem ser uma profissão historicamente vinculada ao gênero feminino, em que o processo do cuidar é remetido e estereotipado à mulher (Cofen, 2015).

### **O conhecimento dos Enfermeiros sobre as PICs**

A enfermagem tem se destacado em diferentes vertentes assistenciais, justificando sua efetiva interação à aplicabilidade das práticas integrativas e complementares em diferentes equipamentos em saúde (Schveitzer et al., 2012). Uma vez implementadas no seu exercício profissional possibilitará um cuidar mais integral e holístico ao ser humano, voltando sua atenção às dimensões humanas que também podem adoecer integralmente (Salvador et al., 2019). Desta forma, o Enfermeiro reflete uma pluralidade de cuidados que possibilita identificar o diagnóstico de enfermagem e, conseqüentemente, traçar a melhor conduta terapêutica, individualizada e que melhor atenda às necessidades de cada paciente (Junior, 2016).

As PICs podem ser aplicadas desde a atenção básica em saúde até serviços de maior grau de complexidade, podendo ser incorporadas à rotina de trabalho como um processo contínuo e ajustado às necessidades da população (Santos et al., 2020). Portanto, as PICs podem ser aplicadas em variadas condições clínicas, podendo ser um complemento ao tratamento biomédico, promovendo um cuidado diferenciado e com resultados efetivos, podendo atuar também como tratamento paliativo em algumas doenças crônicas (Reis et al., 2018; Mendes et al., 2019).

Desse modo, é de extrema importância a capacitação do Enfermeiro no campo das práticas para fornecer as orientações sobre a possibilidade de utilização das PICs, proporcionando um cuidado preventivo e integral (Matos et al., 2018; Gomes et al., 2019).

O saber e fazer das práticas integrativas e complementares foram abordados em 65% dos estudos, nos quais foi investigada a relação existente entre a aprendizagem das PICs e atitudes na prática clínica de Enfermeiros e equipes de Unidades Básicas de Saúde, desvelando modelos explicativos do setor profissional em relação às opiniões, vantagens e facilidades encontradas por Enfermeiros no uso das práticas na atenção básica. Conheceu-se a percepção de gestores em saúde e profissionais da estratégia saúde da família sobre a inserção das PICs na atenção primária. Foram mencionadas a necessidade de educação permanente sobre as PICs por profissionais da área, além do incentivo por parte dos profissionais e gestores (Ischkanian et al., 2011).

Estudar a atuação do Enfermeiro abarcada pelo uso das PICs e contemplada pelo aprimoramento no seu nível de compreensão e apropriação dos saberes técnicos e científicos, com respaldo ético, justifica o desenvolvimento do presente estudo. São questões desta natureza que nos convidam a melhor entender a profissão e, conseqüentemente, agregar competência profissional, independente do contexto em que permeia o Enfermeiro e no qual ele interage com o paciente, seja assistencial, gerencial ou educacional (Alves et al., 2015).

Por fim, avaliou-se a relação positiva referente à credibilidade que os Enfermeiros possuem com as PICs e aos princípios éticos com a opção pelo uso dessas práticas no cotidiano dos pacientes (Cruz et al., 2012). Nesse aspecto, a formação profissional é considerada como uma importante lacuna para o sucesso da implementação das práticas, dificultando a adesão, tanto de profissionais, quanto dos serviços na oferta das práticas. Embora haja uma normatização de saúde pautada por lei, sabe-se que na realidade a operacionalização desse pressuposto enfrenta notórias dificuldades, ainda que grande parte dos profissionais apresentem expectativas no uso e contribuição das práticas integrativas para as quais ainda há um conhecimento empírico dos Enfermeiros. Todavia, eles não se sentem confiantes para aplicá-las no ambiente de trabalho, muito provavelmente pela falta de incentivo da gestão para o investimento em profissionais que prestem uma assistência holística.

### **Elementos facilitadores e dificultadores para aplicabilidades das PICs na assistência em saúde**

A importância da inserção das PICs, considerando a diversidade e pluralidade que cada uma delas possuem no contexto assistencial de saúde, tem contribuído positivamente para a humanização do cuidado. No entanto, de acordo com o levantamento de dados dos artigos analisados minuciosamente nesta revisão integrativa, notou-se que algumas experiências, discursos e percepções dos Enfermeiros evidenciaram dificuldades e obstáculos para a implementação desses serviços (Contatore et al., 2015).

Os fatores facilitadores e dificultadores para a aplicabilidade das PICs no contexto assistencial de saúde foram abordados em 47,5% (19) dos artigos estudados. Nesse sentido, apuraram-se quais os desafios encontrados na atuação do Enfermeiro em relação às PICs, bem como os aspectos que permitem maior autonomia e confiabilidade para indicações.

Em relação aos facilitadores, condições relacionadas às regiões do país representam 5% (n=2) dos estudos abordados, associadas aos conhecimentos culturais 25% (n=10). Depreende-se que tradições culturais, influências familiares passadas de geração para geração e o saber e fazer das PICs são fundamentos que nos desafiam a refletir sobre sua importância, tanto no âmbito assistencial de saúde, quanto em sua contribuição para as experiências sociais, como a transmissão oral do saber entre as populações.

A especialização profissional dos Enfermeiros (30%), bem como sua aceitação sobre os benefícios das PICs (25%), como terapias complementares ao modelo biomédico ou de uso exclusivo, expressou relevância nos estudos, considerando que os Enfermeiros que se especializaram em PICs mostram-se mais seguros para seu uso. Além disso, a adesão dos pacientes (17,5%) e o custo benefício que as PICs oferecem (10%) evidenciam que os fatores socioeconômicos, a cultura local, poucos recursos biomédicos e a falta de acessibilidade aos serviços de saúde de alto custo favorecem a busca pelas PICs a esses usuários (Magalhães & Alvim, 2013).

Considerando os aspectos dificultadores mais citados no estudo, o molde curricular nas instituições de ensino, bem como a grade curricular deficitária, equivalente a 27,5%, mostraram-se um ponto que requer atenção (Braga et al., 2019; Jales, et al., 2020). A formação do profissional Enfermeiro e seu conhecimento sobre as PICs são particularidades que necessitam de um olhar mais atencioso, pois as evidências nos levam a compreender que a modalidade em que as PICs são ofertadas nas universidades impactam diretamente na formação profissional dos discentes. Outro dado relevante foi a ausência da educação continuada nas instituições hospitalares, atenção primária e no contexto assistencial, sendo representados por 25% do estudo. Esse fator direciona para a insegurança dos profissionais (30%), pois não se sentem seguros e confortáveis para prescreverem o uso de PICs somente com o conhecimento obtido durante a graduação em Enfermagem, sendo necessárias ações para o aprimoramento profissional (Nascimento et al., 2016; Gontijo & Nunez et al., 2017).

Em relação ao predomínio do modelo biomédico hegemônico (100%), esse expressiu-se como um dificultador para a aplicabilidade das PICs, pois este fator mecanicista de atenção à saúde, com foco na doença e tratamento, não abordando o indivíduo holisticamente, reitera a adversidade dos profissionais em prescrever as terapias complementares, bem como a não aceitação dos pacientes (Saraiva et al., 2011).

Sobre a falta de incentivo dos gestores de saúde (57,1%), a falta de políticas públicas para efetivarem as práticas (67,8%) e o baixo incentivo da equipe profissional para a execução das PICs (17,5%) refletem a necessidade e urgência por parte dos órgãos vigentes, gestores Estaduais e Municipais em criarem estratégias para reverter esse cenário exposto no estudo. Esses déficits impactam diretamente no âmbito assistencial do Enfermeiro. Ademais, a escassez de insumos e infraestrutura (15%) desprovidas de recursos suficientes para que o Enfermeiro tenha condições de prescrever e executar as PICs aos pacientes também permite refletir sobre a necessidade e fortalecimento de políticas públicas incentivadoras ao atendimento efetivo (Kurebayashi et al., 2007; Jales et al., 2020).

### **Visão e saber dos discentes em enfermagem quanto à aplicabilidade das PICs**

Diante dessa revisão, levantou-se a visão e saber dos discentes de enfermagem quanto a aplicabilidade das PICs. Do total de artigos selecionados, 11 abordaram essa temática, trazendo dados que evidenciam que os futuros profissionais de enfermagem/ área da saúde deixam de realizar especializações e cursos em PICs por não conhecerem os seus direitos legais junto ao COFEN e a PNPIC. Ademais, o cenário de graduação é crucial para promover no futuro Enfermeiro o interesse na aplicabilidade holística e humanizada das PICs e as instituições de ensino influenciam diretamente nesse processo, pois a prestadora de ensino, ao promover adequadamente esse conteúdo e oferecer aulas práticas, seminários, cursos e teoria obrigatória, estimula o discente à prática das PICs (Trovó et al., 2003; Badke et al., 2017; Gomes et al., 2019).

Nove artigos evidenciaram a abordagem de ensino nas instituições públicas e privadas de graduação e pós-graduação e como as instituições estão ofertando esse conteúdo disciplinar. Levantaram a questão de como o ensino deve ser dinâmico e possibilitar a troca de informações, ou seja, que o conhecimento prático possa proporcionar ao discente mais segurança e desejo nas práticas integrativas. Indaga-se que disposição do conteúdo de forma optativa pode se tornar precário no ensino, uma vez que poderá o aluno não ter nenhum contato com tal atividade e conteúdo, bem como ter pouco embasamento técnico e científico para tal prática e, por não se sentir apto, acabar abandonando a essência de explorar os saberes das PICs durante a graduação (Silva et al., 2013; Nascimento et al., 2018; Calado et al., 2019).

## Considerações finais

O estudo permitiu observar que o primeiro interesse pelas terapias veio do senso comum e do ambiente socioeconômico, com posterior desejo pelo conhecimento sobre o cuidado complementar e o cuidado humanizado disposto pela enfermagem.

Fatores intervenientes, como a falta de incentivo e apoio nas capacitações, são necessários para a promoção do ensino das PICs na graduação ou na vida profissional na forma de educação permanente.

A consolidação dos princípios que regem a PNPIC e o incentivo governamental de gestores dos serviços de saúde para que as PICs sejam efetivas em sua utilização são necessários e emergentes, além da apropriação positiva dos profissionais diante das práticas integrativas, o que facilita seus objetivos.

O conhecimento é a melhor ferramenta para aprimorar a autonomia destes Enfermeiros a fim de implementar e institucionalizar projetos e ações de desconstrução do paradigma de uma única forma de conhecimento científico do cuidado para, assim, modificar a sua prática assistencial.

## Agradecimentos

Primeiramente, a Deus, que nos permitiu que tudo acontecesse ao longo de nossas vidas, não apenas nestes anos enquanto universitárias, mas sendo o maior mestre. Agradecemos aos nossos familiares pelo amor incondicional que, mesmo com nossos momentos de ausência dedicados aos estudos, sempre acreditaram e nos apoiaram incondicionalmente. Aos professores Adriana Barrinha, Eduardo Sodré, Luana Prado Figueredo, Marli Reinaldo e Janize Maia, gratificamos pela construção fundamental do conhecimento, dedicação, suporte e incentivos, não somente racional, mas por meio da manifestação da afetividade da educação no processo de formação pessoal e profissional

## Referências

- Alves, K. Y. A., Assis, Y. M. S., Salvador, P. T. C. O., Nascimento, C. P. A., Tourinho, F. S. V., & Santos, V. E. P. 2015. Práticas integrativas e complementares no tratamento oncológico e o papel da enfermagem. *Revista de Pesquisa*, 4(7), 163-174.
- Badke, M. R., Heisler, E. V., Ceolin, S., Andrade, A., Budó, M. L. D., & Heck, R. M. 2017. O conhecimento de discentes de enfermagem sobre uso de plantas medicinais como terapia complementar. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, 9(2), 459-465.
- Braga, H. H. M. 2019. Práticas integrativas e complementares e educação permanente em saúde: implicação na Atenção Primária à saúde de Minas Gerais. *Dissertação de Mestrado*. Minas Gerais, MG: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 2009. *Relatório do 1º Seminário Internacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PNPIC / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Brasil, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. Vida saudável. 2020. *Práticas Integrativas e Complementares/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Calado, R. S. F., Silva, A. A. O. B., Oliveira, D. A. L., Silva, G. A. M., Silva, J. C. B., Silva, L. C., Lemos, M. E. P., & Santos, Raquel Cabral. 2019. Ensino das práticas integrativas e complementares na formação em enfermagem. *Revista de Enfermagem Ufpe On Line*, 1(13), 261-267.
- Cancian, N. 2017. *Cresce a busca por terapia alternativa no SUS, mas a oferta ainda é pequena*. São Paulo, SP: Folha de São Paulo.
- Contatore, O. A., Barros, N. F., Durval, M. R., Barrio, P. C. C. C., Coutinho, B. D., Santos, J. A., Nascimento, J. L., Oliveira, S. L., & Peres, S. M. P. 2015. Uso, cuidado e política das práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(10), 3263-3273.
- Conselho Regional de Enfermagem Paraná (COREN - PR). 2019. *Parecer nº 001/2019. Uso/aplicação das Práticas Integrativas e Complementares por enfermeiros* [online].
- Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). 2015. *Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem* [online].
- Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). 2017. *Resolução nº 564/2017* [online].
- Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). 2018. *Cofen manifesta apoio às Práticas Integrativas e Complementares* [online].

- Cruz, P. L. B., & Sampaio, S. F. 2012. O uso de práticas complementares por uma equipe de saúde da família e sua população. *Revista Aps*, 4 (15), 486-495.
- Gomes, A. T., Meneses, M. O., Marques, J. S., Brandão, S. A. S. M., & Leal, S. R. M. D. 2019. Percepção de residentes de enfermagem sobre as práticas integrativas e complementares em saúde (PICS). *Brazilian Journal Of Surgery And Clinical Research - Bjsr*, 27(1), 37-39.
- Gontijo, M. B. A., & Nunes, M. F. 2017. Práticas integrativas e complementares: conhecimento e credibilidade de profissionais do serviço público de saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 15(1) 301-320.
- Ischkanian, P. C. 2011. *Práticas integrativas e complementares para a promoção da saúde*. Tese de doutorado. São Paulo, SP: Universidade Pública de São Paulo.
- Jales, R. D. 2020. Conhecimento e implementação das práticas integrativas e complementares pelos enfermeiros da atenção básica. *Revista Online: Cuidado é Fundamental*, 12(1) 808-813.
- Júnior, T. E. 2016. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estudos Avançados*, 30(86), 99-112.
- Kurebayashi, L. F. S. 2007. *Acupuntura na saúde pública: uma realidade histórica e atual para Enfermeiros*. Tese de doutorado. São Paulo, SP: Universidade Pública de São Paulo.
- Magalhaes, M. G. M., & Alvim, N. A. T. 2013. Práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem: um enfoque ético. *Esc. Anna Nery*, 17(4), 646-653.
- Matos, P. C., Laverde, Rodrigues, C., Martins, P. G., Souza, J. M., Oliveira, N. F., & Pilger, C. 2018. Práticas integrativas complementares na atenção primária à saúde. *Cogitare Enfermagem*, 23(2), 1-8.
- Mendes, D. S., Moraes, F. S., Lima, G. O.; Silva, P. R., Cunha, T. A., Crossetti, M. G. O., & Riegel, F. 2019. Benefícios das práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem. *Journal Health Npeps*, 4(1), 302-318.
- Nascimento, M. V. N. 2016. *Práticas integrativas e complementares grupais nos serviços de saúde da atenção básica: possibilidades de diálogo com a educação popular*. Tese de doutorado. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Nascimento, M. C., Romano, V. F., Chazan, A. C. S., & Quaresma, C. H. 2018. Formação em práticas integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. *Trabalho, Educação e Saúde*, 16(2), 751-772.
- Nuñez, H. M. F.; & Ciosak, S. I. 2003. Terapias alternativas/complementares: o saber e o fazer das enfermeiras do distrito administrativo 71 - santo amaro - São Paulo. *Revista da Escola de Enfermagem da Usp*, 37(3), 11-18.
- Reis, B. O., Esteves, L. R., & Greco, R. M. 2018. Avanços e desafios para a implementação das práticas integrativas e complementares no Brasil. *Revista Aps*, 3(21), 355-364.
- Ruela, L. O., Moura, C. C., Gradim, C. V. C., Stefanello, J., Iunes, D. H., & Prado, R. R. 2019. Implementação, acesso e uso das práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde: revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(11), 4239-4250.
- Salvador, P. T. C. O., Alves, K. Y. A., Martins, C. C. F., Santos, V. E. P., & Tourinho, F. S. V. 2013. Motivos para o empoderamento da enfermagem: reflexões à luz de alfred schutz. *REME*, 17(4), 1014-1019.
- Saraiva, A. M. S., Filha, M. O. F., & Dias, M. D. D. 2011. As práticas integrativas como forma complementaridade ao modelo biomédico: concepções de cuidadoras. *Cuidado É Fundamental*, 155-163.
- Savaris, L. E., Böger, B., Savian, A. C., Jansen, A. S., & Silva, M. Z. 2019. Práticas integrativas e complementares: análise documental e o olhar de profissionais da saúde. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 32(1), 1-12.
- Schveitzer, M. C., Esper, M. V., & Silva, M. J. P. 2011. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária em Saúde: em busca da humanização do cuidado. *Mundo Saúde*, 3(36), 442-451.
- Silva, N. C. M., Iunes, D. H., Resck, Z. M. R., Soares, M. I., Souza Jr, D. I., & Vieira, N. F. 2013. Estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem: revisão integrativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 15(4), 1061-1067.
- Sousa, I. M. C., Bodstein, R. C. A., Tesser, C. D., Santos, F. A. S., & Hortale, V. A. 2012. Práticas integrativas e complementares: oferta e produção de atendimentos no SUS e em municípios selecionados. *Cad. Saúde Pública*, 28(11), 2143-2154.
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. 2010. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 1(8), 102-106.

- Thiago, S., C., & Tesser, C. D. 2011. Percepção de médicos e Enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares. *Revista de Saúde Pública*, 45(2), 249-257.
- Trovo, M. M., & Paes, M. J. 2002. Terapias alternativas / complementares a visão do graduando de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da Usp*, 36(1), 80-87.
- Trovo, M. M., Silva, M. J. P., & Leão, E. R. 2003. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 11(4), 483-489.

## Minicurriculo

**Brenda Caroline dos Santos Malta.** Discente do curso de Enfermagem, da Escola de Ciências da Saúde, Universidade Anhembi Morumbi – UAM. São Paulo (SP), Brasil.

**Letícia Borges Malachias.** Discente do curso de Enfermagem, da Escola de Ciências da Saúde, Universidade Anhembi Morumbi – UAM. São Paulo (SP), Brasil.

**Taís Assis Magalhães.** Discente do curso de Enfermagem, da Escola de Ciências da Saúde, Universidade Anhembi Morumbi – UAM. São Paulo (SP), Brasil.

**Janize Silva Maia.** Enfermeira obstetra, doutora em Ciências da Saúde, mestre em Educação. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Anhembi Morumbi - UAM. São Paulo (SP), Brasil.

**Luana Prado Figueredo.** Enfermeira especializada em Terapia Intensiva, doutora em Ciências da Saúde com ênfase na espiritualidade, religiosidade e cuidado holístico. Docente do curso de Enfermagem da Universidade Anhembi Morumbi - UAM. São Paulo (SP) Universidade Santo Amaro (UNISA), Brasil.

**Como citar:** Malta, B.C.S., Malachias, L.B., Magalhães, T.A., Maia, J.S., & Figueiredo, L.P. 2021. Práticas integrativas e complementares e suas aplicabilidades nos campos de formação e atuação do enfermeiro. *Pubsaúde*, 5, 108. DOI: <https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude5.a108>

**Recebido:** 5 dez. 2020.

**Revisado e aceito:** 16 dez. 2020.

**Conflito de interesse:** os autores declaram, em relação aos produtos e companhias descritos nesse artigo, não ter interesses associativos, comerciais, de propriedade ou financeiros que representem conflito de interesse.

**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0).